

## O DEUS DOS FILÓSOFOS MODERNOS

*Antônio Alves de Melo*

OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio (orgs.). *O Deus dos filósofos modernos*. 2. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2003, 1 vol., 246 p.

A modernidade filosófica caracteriza-se pela matematização do mundo e pela primazia da subjetividade. Mas esta é apenas uma face da medalha. A outra manifesta-se na continuação da metafísica, fato que inclui o esforço de reestruturação da filosofia enquanto teologia racional. É o que demonstra o livro que passo a recensear.

Compõem-no duas partes. A primeira é uma introdução histórico-sistemática dividida em quatro estudos. O primeiro intitula-se *O problema teológico do homem* (Xavier Zubiri). O Autor analisa a realidade humana enquanto tal, tomada em si mesma e por si mesma. Essa análise se dá em três passos: o homem, realidade que tem de ir realizando-se vivendo com as coisas, com os demais homens e consigo mesmo; o descobrimento de Deus na marcha intelectual da religião; a experiência de Deus. Os três passos não são momentos sucessivos, mas constituem uma unidade intrínseca e formal onde atuam o poder do real e a religião. O cristianismo se inscreve no âmbito da experiência de Deus como religião de deformidade, antes de ser religião de salvação. Em virtude disto, o cristianismo não é só religião verdadeira em si mesma, mas é a verdade “radical”, “formal” de todas as religiões. O problema teológico do homem divide-se em religião, religião, deformação. Desse problema originam-se outros três problemas: Deus, religião, cristianismo. Zubiri conclui afirmando que a teologia deve ser essencial e constitutivamente teocêntrica e não antropológica ou antropocêntrica. Em consequência, a teologia fundamental deve estudar não os *preambula fidei* nem os fundamentos da teologia, mas o teológico enquanto tal.

O segundo estudo chama-se *A racionalidade da crença teísta e o conceito de verdade* (Lorenz B. Puntel). Com uma série de perguntas, o Autor mostra a tensa relação entre racionalidade e verdade, conceitos que ele considera extremamente controversos, necessitados de uma explicação profunda e cuidadosa. Seu trabalho quer mostrar que racionalidade e verdade são os dois

lados uma mesma moeda. Em seguida vem uma longa explicação do novo conceito de verdade com base na filosofia da linguagem com a conclusão de que a racionalidade conduz à verdade e a exige, mas a verdade, por sua vez, pressupõe a racionalidade e conduz a ela. Após as considerações de ordem geral, vem a questão específica: a racionalidade da crença teísta verdadeira e a verdade da crença teísta racional. Puntel volta-se agora para duas questões: a racionalidade da afirmação: “a crença teísta é verdadeira” e as provas/argumentos sobre a existência de Deus. Segundo ele, o correto é falar-se de um procedimento ou de uma prova global contendo vários procedimentos ou provas específicas. Esse procedimento origina-se daquele *sensus totalitatis* que estrutura e faz avançar a articulação da idéia da totalidade do ser, produzindo de modo gradual e crescente “formas” sempre mais determinadas de conhecimento dessa totalidade. Neste ponto entra a divindade em sentido cristão com as determinações que a caracterizam.

O terceiro estudo foi escrito por Guido Imaguire e tem por título: *A teoria dos tipos lógicos e a Trindade*. O conceito filosófico de Deus dá origem a opiniões lógicas muito diferentes e manifesta vários paradoxos. O mistério da Trindade, no entanto, parece conter uma contradição: Deus é simultaneamente um e três. Imaguire faz algumas referências ao debate e, em seguida, propõe uma solução baseada na teoria dos tipos lógicos de Russel. A solução proposta divide-se em quatro partes: existência como predicado de segunda ordem ou superior; “Deus”: conceito ou nome próprio?; teoria dos tipos lógicos, Trindade e Monoteísmo; “Deus” como predicado não-distributivo. Na conclusão aparece de modo explícito a tese que fundamenta todo o texto: da crítica à prova ontológica da existência de Deus segue-se a possibilidade da enunciação consistente da Trindade monoteísta. Uma ligeira alusão à pré-existência de Jesus e a afirmação de que a consistência ou não-contrariedade da doutrina da Trindade possui fundamento lógico encerram a reflexão.

O quarto estudo é da autoria de Carlos Cirne-Lima e se intitula *O absoluto e o sistema: Agostinho, Tomás de Aquino e Hegel*. De início, o Autor aborda a questão do método e propõe um sistema filosófico na linha dos filósofos neoplatônicos: articulação em torno de uma substância única que se desdobra num sistema racionalmente uno. Guiado por esse método, analisa os princípios pressupostos em todo e qualquer discurso (metalógica), passa para a filosofia da natureza (metafísica/metabiologia) e desta para uma filosofia do espírito,

uma ética geral. Entra, agora, no tema propriamente dito, o do Absoluto que, em sentido pleno, “no sentido do saber absoluto e da Jerusalém Celeste, é o ponto em movimento, o eterno momento presente, que constitui ao mesmo tempo linearidade e circularidade, tempo histórico e eternidade. O ponto em movimento, eis o Absoluto em seu sentido pleno.” (p. 81). A complexidade da reflexão aconselha a evitar comentários rápidos e por isso me atenho às duas conclusões finais, uma negativa e outra positiva. A conclusão negativa é que nas grandes religiões ocidentais o conceito de Deus vem se afastando daquilo que a filosofia denomina o Absoluto. Prevalece sempre mais o Deus da magia e da superstição, em detrimento do Deus pensado pela razão. A conclusão positiva é a de que neste começo de século pode-se falar sensata e racionalmente do Deus de nossa tradição, sobre quem meditaram Agostinho, Nicolau de Cusa, Schelling e Hegel. “Dialética, quando verdadeira, não termina nunca numa resposta e sim numa pergunta.” (p. 85). Com algumas instigantes perguntas e um verso da música popular, o texto chega ao fim.

A segunda parte apresenta a questão de Deus na filosofia moderna. Começa com o estudo: O Ser absolutamente infinito. *O Absoluto na filosofia de Espinosa* (Marilena Chauí). O absoluto no espinosano difere do absoluto hegeliano e do absoluto da tradição greco-latina. Ele é causa de si, perfeitíssimo e absolutamente infinito. Enquanto causa de si, possui unidade de essência e existência, essência e natureza, *essentia sive natura existens*. Para entender o absoluto como ser perfeitíssimo é preciso entender o que seja perfeição na filosofia espinosana. “Perfeição não é instrumento para separar os entes numa hierarquia, mas é o que descreve uma essência em sua positividade completa, designando todos os atributos que a constituem e todas as propriedades que lhe pertencem.” (p. 96). Por sua vez, a noção de absolutamente infinito indica “afirmação incondicional de si mesmo, ausência de limitação externa e de negação interna.” (p. 108). Tudo isto remete aos comentários conclusivo sobre exprimir, *constitutio* (constituição) e estrutura.

O estudo seguinte, *Leibniz e a existência de Deus* (José Maria Arruda), lembra para começar que Leibniz filia-se à tradição da ontoteologia, cuja pergunta central apresenta-se assim: “como se deixa provar de forma conclusiva e logicamente aceitável a existência de Deus?” (p. 113). Servindo-se da análise lógica e da teoria dos mundos possíveis, Leibniz esclarece e aperfeiçoa os argumentos tradicionais. São eles o argumento lógico, o argumento das verda-

des eternas, o argumento teleológico, o argumento ontológico e o argumento modal, considerado por Leibniz o melhor de todos por basear-se no conceito de ser necessário.

O terceiro estudo aborda o tema: *A questão de Deus nos escritos de Kant* (Giovanni Sala). Kant não foi um destruidor das provas da existência de Deus. Pelo contrário, ele lutou a vida inteira por um acesso a Deus que pudesse ser justificado pela razão. Este é o ponto de partida para a pesquisa sobre a questão de Deus num conjunto de escritos kantianos: *História natural geral, Nova dilucidatio*, a obra metafísica de 1763, crítica de toda teologia que parte da razão especulativa, onde refuta algumas provas e transforma outras. “Aquilo que em 1763 fora um argumento metafísico foi relegado para o nível do puramente conceptual: o ideal transcendental da razão constitui a condição suprema do nosso conhecimento das possibilidades finitas sem que ele mesmo precise de ser uma realidade que fundamenta a possibilidade real das coisas.” (p. 164). Não reconhecendo mais qualquer prova da existência de Deus mediante a razão especulativa, Kant abre um novo acesso a Deus com a prova moral. Se não há como percorrer uma via especulativa para a existência de Deus, a dimensão moral do homem abre uma outra via ao legitimar a exigência de que tem de existir um Deus. Kant acreditou na existência de Deus, mas no final de sua investigação sobre Deus restou apenas o homem autônomo necessitado da existência de Deus. Toda investigação moral séria conduz a ela, mas não é possível assegurar-lhe uma realidade objetiva, através do conhecimento teórico.

O quarto estudo chama-se *O Absoluto na Ciência da Lógica* (Marcelo Aquino) e começa com quatro observações: Hegel reinventou o conceito filosófico de Absoluto, assimilou a crítica filosófica pós-cartesiana às determinações metafísicas do Absoluto, conservou a pretensão da metafísica clássica de conhecer a coisa em si, foi além do sistema kantiano ao formular sentenças especulativas sobre o Absoluto. Depois dessas observações, o Autor faz uma apresentação da *Ciência da Lógica* (CL) e põe três perguntas: o que é a *lógica* na CL; o que Hegel quer dizer com o conceito de contradição dialética na CL; quem é o sujeito lógico-estrutural ou meta-lógico da CL. Entra a seguir no tema, tratando do Absoluto na lógica objetiva e na lógica subjetiva. No decorrer da reflexão emergem questões como a da essência, da existência, da substância, conceitos que no sistema hegeliano possuem significado peculiar,

assim como o Absoluto entendido como *totalidade-movimento*. O Autor conclui deixando em aberto duas questões: Hegel concebe a exposição da CL a partir de um pensamento de liberdade ou de um pensamento necessário? Qual o papel da CL na conceitualização teórica da experiência cristã? Segundo ele, a resposta a essas questões desenha todo um programa filosófico.

O quinto estudo intitula-se *Estratégias de teodicéia em Leibniz, Hegel e Jonas* (Vittorio Hösle). A concepção de um Deus todo-poderoso, onisciente e bom conheceu um desenvolvimento tardio na história e desde cedo se chocou com resistências, dentre elas a experiência do mal. Diferente do teísmo clássico, atualmente se começa com a objeção levantada pela existência do mal para, em seguida, se por a pergunta pelo conceito de Deus que permite enfrentar melhor o problema. É o que vemos em Leibniz ao justificar o mundo como *melhor mundo possível*; em Hegel ver o mal como consequência da auto-externalização do absoluto na natureza; em Hans Jonas, filósofo judeu marcado pelo holocausto, com a rejeição do atributo da onipotência/onisciência e a volta para a plenitude de bondade. “O deus de Jonas é um deus que sofre, é um deus que se faz, cuja relação com a criatura muda constantemente, um deus que se preocupa consigo. E – não um deus todo-poderoso.” (p. 221). O estudo termina falando da lei moral e da ação.

*Filosofia e Absoluto no jovem Schelling* (Leonardo Vieira) limita-se à fase inicial da obra do filósofo e discute o projeto filosófico do jovem Schelling e o Absoluto no interior desse projeto. *Kierkegaard: o fato absoluto* (Álvaro Valls) é o estudo final e trata do conceito que lhe serve de título. O momento mais interessante é a tentativa de articular fato absoluto e fato histórico e a extração de um significado central para o conceito de absoluto.

Eis um livro cuja leitura exige atenção e esforço. Ao final, porém, o leitor sente-se recompensado e desejoso de que os interessados em filosofia o leiam. Um detalhe a ser corrigido: no texto sobre Hegel, os três primeiros títulos não foram numerados.

Antônio Alves de Melo

Av. Amaral Peixoto 749, centro. Barra do Pirai, RJ.

CEP: 27.120-120

E-mail: antomelo2006@uol.com.br



# TESES E DISSERTAÇÕES

---

